

Da janela: vaporosa paisagem

Karina Dias

Do ponto de vista

A série de trabalhos intitulada *da minha janela* é composta de quatro vídeos realizados entre os anos de 2003 e 2007, período em que morei em Paris. Nessa série, passo da cidade para o meu bairro, do meu bairro para a minha rua, da minha rua para o meu prédio e do meu prédio para a minha janela. Um recorte progressivo que abarcou o espaço amplo da cidade para, enfim, se concentrar naquilo que estava o mais próximo dos meus olhos. A minha experiência da paisagem se restringiu radicalmente a um mesmo espaço, e o meu intuito foi refletir sobre as questões que me acompanham: como manter, na adversidade, o olhar atento, des-perto, para perceber a paisagem? O que ainda poderia nos interpelar para olharmos o que nos circunda como paisagem? Que detalhe(s) seria(m) capaze(s) de armazenar o horizonte?

Do método

Esperar.

Não se precipitar.

Mirar.

Não abandonar a vista.

Aceitar o princípio de não ver tudo.

Modular distâncias, descartar ângulos.

Estar do lado de fora. Estar do lado de dentro.

Permanecer nas bordas.

Da (im)permanência da paisagem

Nesta *“rua ensurdecidora que urrava em volta de mim”*, ver o novo no conhecido é inquirir sempre novos pontos de vista para experimentar a cidade que nos circunda de outra maneira. Em um só tempo, conhecê-la intimamente, de perto, do seu interior, e ser capaz de tomar a distância necessária para olhá-la. Desse lugar, estamos sempre na iminência de ver e não ver, de apreender ou deixar escapar o que se apresenta diante dos nossos olhos.

Como nos lembra Michel Collot, as coisas se dão somente em um horizonte, isto é, sob uma aparência e com uma configuração cambiantes que diferem de um ponto de vista e de um momento a outro e segundo uma relação que vai do determinado ao indeterminado.

Concebemos, assim, um mundo a partir do que vemos. Uma cidade-mundo que está lá e que parece nos dar a certeza de sua existência, nos convencendo de que de fato a olhamos. Mundo lá, exterior e disponível à apreensão de nossos sentidos. Para nos situar como observadores desse mundo, essa convicção imediata está repleta de ambivalências. Estar imerso na visibilidade não significa enxergá-la e estar em contato direto com ela, não significa percebê-la.

Se a rua lateja dentro e fora daquele que a percorre, seria possível regular as distâncias e as aproximações que nos fazem (re)ver ou não-ver a cidade? Somos observadores solitários

em meio a espaços de superlativos. Dessa solitária experiência, nosso olhar seleciona, fragmenta o que nos envolve, capta e (re)ordena detalhes que compõem a nossa reserva de imagens vividas. Imagens que ecoam os elos estabelecidos com a cidade que nos envolve. O espaço designado pelos olhos daquele que contempla, compõe a paisagem, a sua paisagem.

Sabemos que a paisagem é um ponto de vista, logo tributária de um certo modo de olhar. Medida do olhar que silencia o ruído, a paisagem tem a duração de um ponto de vista. Este, originário de um movimento da visão que inclui ver e não ver, que evoca o detalhe e não o panorama. Por não sermos onividentes, elegemos o que vemos ou o que desejamos ver. Nesse movimento, a paisagem urbana se configura como recorte e horizonte, como moldura do olhar e o que dela escapa para redesenhar o seu contorno.

Nesse processo que é o movimento do olhar, nós "sobrevoamos" o espaço que nos envolve, escrutamos os seus detalhes, muitas vezes, excessivamente banais. Nós os capturamos um após o outro, fragmento por fragmento, concebendo assim as paisagens vividas, a cidade imaginada. O movimento parece ser sempre o mesmo: circulamos ao largo, em um extenso panorama, ao mesmo tempo, em que cerramos continuamente o nosso olhar – mirando, fitando as porções que nos afetam, estabelecendo uma relação de proximidade e intimidade. As paisagens se compõem, então, desses pontos de contato e desses pontos de vista, entrelaçados um após o outro.

Nesse ritmo do mundo que nos implica, estabelecemos as relações singulares que nos farão tomar partido, tomar o partido das

coisas, tornarmo-nos parte da cidade que nos cerca. Na impossibilidade de evitar que o visível nos escape, nosso olhar é desejoso e atesta que a cidade tem lugar, que a paisagem cria uma cartografia sempre cambiante, inacabada e em constituição.

Da janela

O visível, por mais imprevisível que seja, deve provocar, aponta Jean-Luc Marion, a mirada que o tornará acessível (MARION, 1996). Movimento contínuo de dentro para fora, do indivíduo para o grupo, do íntimo para o vasto mundo. A janela aqui é dispositivo ótico, é como nos lembra Jean Starobinski, uma abertura ótica sobre uma vida possível entre tantas outras (STAROBINSKI, 1984). Poderíamos nos lembrar do que Kafka, em uma carta endereçada a Oskar Pollak em 9 de outubro de 1903, escreve: "Entre tantas outras coisas, você era também para mim uma janela através da qual eu podia olhar a rua." (KAFKA, 1980, p. 811). Que o outro possa ser uma janela através da qual o mundo se revela, extrapola a noção de janela como estrutura arquitetônica, banal, e nos posiciona diante de uma janela poética, metafísica. Somos observadores/voyeurs, estabelecendo vínculos, nos relacionando com o mundo.

Logo, nesse movimento de sair de si e trazer o mundo para si, a janela se tornaria, então, figura essencial para se pensar na relação interior-exterior. Concretamente, ela nos possibilita tomar contato com o mundo exterior sem sair da nossa intimidade. Entretanto, nessa apropriação do mundo a distância, debruçar-se na janela significa inevitavelmente

se aproximar do Outro. Ela é, a um só tempo, abertura para olhar e abertura do olhar. Retornamos assim à pequena janela inventada no século XV pelos pintores dos Flandres.

Evocar a janela para visualização de uma paisagem é relembrar que ela foi, nas pinturas flamengas de artistas como Robert Campin e Jan Van Eyck, o elemento decisivo para que a paisagem fosse “inventada”. Essa abertura no interior da pintura significou uma janela para o mundo, uma nova abordagem do mundo exterior.

Alain Roger aponta que a janela é a moldura que isola e enquadra, transformando, na pintura, o território em paisagem, “[...] de onde concludo que essa última entrou verdadeiramente pela pequena porta, ou melhor dizendo, pela pequena janela, antes que essa tivesse se expandido às dimensões de todo o quadro[...]” (ROGER, 1997, p. 118). É o sufixo “agem” sendo acrescentado ao país, transformando-o em paisagem, introduzindo o mundo profano na cena religiosa. A janela é um meio de isolar as partes do mundo envolvente, amplificando assim o seu valor estético.

Penetrando a cena da perspectiva tradicional, a janela nos convidaria, assim, a percorrer naturalmente a paisagem. Como nos diria Wajcman, é o enquadramento, numa janela, de um fragmento da natureza que se encontra no final da rua.

Nesse desejo de se lançar em direção ao outro e de se sentir em casa, a janela é uma estrutura que separa, não somente porque ela nos confina em nossa intimidade, mas porque nos permite tecer as relações com o espaço que nos cerca. Em meus trabalhos, o mesmo ponto de vista é olhado por meses, a mesma visão, a mesma paisagem. Dessa (i) mobilidade,

emerge o lugar filmado. Detalhá-lo e reconfigurá-lo é, então, criar um elo que nos conduz a vê-lo do interior, a nos sentirmos próximos de suas direções, para (re)vermos o mesmo que já é [o] outro.

Vapor

Vapor é um vídeo filmado em 2006 e editado em 2017, compondo, como apontado anteriormente, a série de trabalhos intitulada *Da janela* iniciada em 2005. Aqui, vemos o que parece ser uma janela embaçada pelo vapor que encobre uma porção da cidade. Lentamente, a paisagem exterior vai sendo revelada à medida que a fina névoa que encobre a visão do espaço exterior vai se dissipando. Espaço velado pela bruma que impõe o seu tempo, aquele de sua aparição e desaparecimento. Nessa bruma visual surge uma maneira de ver, um como-ver-se que nos instiga a estabelecer mentalmente os contornos da nossa visão.

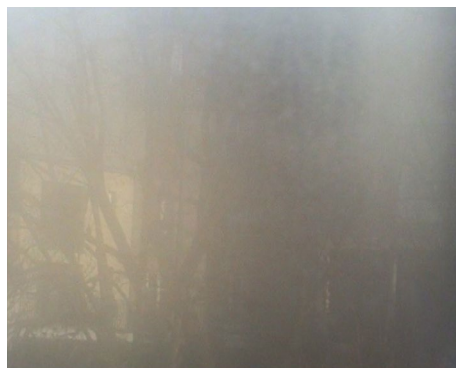


Figura 1 – Karina Dias, *Vapor*, 2006-2017, vídeo, 5min.

Envolvidos pelo vapor, estamos cegos em pleno dia e nesta situação paradoxal apesar da luz, (não) vemos. Com frequência, a bruma

se transforma em um muro nebuloso que nos furta a paisagem para, entre uma aparição e outra, revelá-la. Pela sua presença, experimentamos o turvo, o embaçado, vislumbrando uma configuração imprevista de nosso espaço cotidiano. Com a neblina a forma se torna informe. Aqui, ver da minha janela é, momentaneamente, não ver.

Invadindo a nossa visibilidade diurna, a nebulosidade dissolve os contornos e acentua os sentidos, altera as distâncias e mergulha a paisagem no *invu*, no *n[ã]o-visto*.

O que me interessa neste trabalho e tantos outros que tem o vapor como motivo, não é retirar o véu que encobre a nossa visão na bruma, mas ao contrário, é ocupá-la, explorá-la em suas nuances para tentar chegar ao limite do meu olhar, no limiar de sua disjunção. Explorar as formas de neblina é se deixar levar pela sua nebulosidade, é experimentar uma visão vaporosa, nebulosa que nos permite ver o/no véu.

São inúmeros os artistas que se interessaram por essas condições de visibilidade, Turner, Whistler, Monet...muitos pintaram as brumas londrinas no final do século XIX, mostrando paisagens encobertas pelos efeitos atmosféricos que caracterizam certos lugares. No entanto, gostaria de me concentrar na minha experiência dessas situações surpreendentes, no momento em que a paisagem repentinamente desapareceu no visível, diante dos meus olhos para reaparecer tão surpreendentemente quanto se foi. A bruma é evocada como um momento em que nos vemos entre a visibilidade e a cegueira, entre a sombra e a luz, entre a aparição e a desaparição, entre o quase-visível e o visível, entre o *n[ã]o-visto*, aquele que já conta aos nossos olhos, e o visto.

Portanto, a questão que se coloca é como ver na grisalha? Como para a escuridão da noite, o olho pode se habituar à nebulosidade, à falta de nitidez, se contentar com o vaporoso? Se a neblina é uma espécie de ocultação imprevisível da visão, ela traz em si a esperança da dissipação inesperada que liberará o olhar. O que proponho em meus trabalhos não é esperar pela dissipação da bruma, mas, ao contrário, mergulhar em sua nebulosidade para daí, olhar (in)comum.

Esse olhar diurno e nebuloso teria na neblina o seu ponto de vista. Um olhar que, como na noite, não desejaria retirar o véu para melhor ver, muito pelo contrário, o *olhar-vaporoso* olha a bruma como ela é, vaporosa, informe, indeterminada, embaçada... olha a opacidade na claridade, não com olhos límpidos e diáfanos, mas com olhos enevoados, atentos às nuances de uma paisagem que está logo ali.

Apontamentos finais

Experimentar a paisagem é, antes de tudo, conceber novos enquadramentos, focalizar o cotidiano de outra maneira. Essa paisagem não é fixa e tampouco distante, mas se revela no momento em que o nosso olhar é convocado e, repentinamente, se espanta com os detalhes do cotidiano. Detalhes que, em sua aparência, parecem nada ser, são como um quase-nada, banais, corriqueiros. O observador da paisagem rotineira seria então como um viajante em seu cotidiano, capaz de explorar singularmente suas vistas habituais, *ajanelando* a rotina para encontrar aí frestas, outras vistas; novos recortes visuais, aqueles fragmentos que, conectados ou reunidos, se revelam em paisagem.

Em toda a minha prática artística, sobretudo nos meus trabalhos realizados em vídeo, poderia afirmar que estou sempre à procura da pequena janela por onde um olhar em perspectiva transpassaria o espaço cotidiano, colocando-o em evidência, dando espessura às situações banais.

Se o vapor dissimula a paisagem é porque dela retira sua evidência, convidando-nos a ocupar um lugar na impermanência, no efêmero e no imaterial. Com ele, o desenho da cidade se esvai para despontar em nossa imaginação. Ver a/na nebulosidade seria, então, se aproximar de um visível que nem sempre é claro e distinto. Como nos lembra Gilbert Lascault, o visível pode também ser a descrição exata do inconstante, do embaçado, do indiscriminado e do véu. Nessa confluência de imprecisão e precisão, de aparição e desaparecimento, de percepção real e imaginária, o vapor é a noite em pleno dia.

Um mundo é visto da minha janela, observo e sou observada, delimito o que me envolve e sou delimitada pelo olhar do outro, sendo, a um só tempo, uma *olhadora* atenta e objeto do olhar alheio. Olho, então, da minha janela com uma câmera voltada para um horizonte.

Notas

¹ Em referência ao poema A une passante de Charles Baudelaire in Oeuvres complètes, tomo I. Paris: Gallimard, Bibliothèque de La Pléiade, 1975, p.92/93.

² COLLOT, Michel. *La poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris : PUF, 1989.

³ PONGE, Francis. *Le parti pris des choses*. Paris: Poésie/Gallimard, 1942.

⁴ Em francês *pays*, isto é país, tem o sentido de região, território, terra e também de nação. Em português, a definição de país é semelhante, no entanto é mais usualmente empregado como nação.

⁵ Segundo Roger, o termo paisagem apareceu pela primeira vez no ocidente em holandês, *landschap*, para designar a parte de um país, o fragmento de uma região; é essa porção de território que foi delimitada pela janela na pintura.

⁶ Ver DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)*. Brasília: Ed. PGGARTE – UnB, 2010.

⁷ Ver www.karinadias.net

⁸ LASCAULT, Gilbert. *Écrits timides sur le visible*. Paris: Armand Collin, 1992.

Referências

BAUDELAIRE, Charles. *Oeuvres complètes*, tomo I. Paris: Gallimard, Bibliothèque de La Pléiade, 1975, p.92/93.

COLLOT, Michel. *La poésie moderne et la structure d'horizon*. Paris : PUF, 1989.

KAFKA, Franz. *La fenêtre sur rue in Oeuvres Complètes*, "La Pléiade" Tomo II. Paris: Gallimard, 1980, p.811.

LASCAULT, Gilbert. *Écrits timides sur le visible*. Paris: Armand Collin, 1992.

MARION, Jean-Luc. *La croisée du visible*. Paris: PUF, 1996, p.62.

PONGE, Francis. *Le parti pris des choses*. Paris: Poésie/Gallimard, 1942.

ROGER, Alain. *Court traité du paysage*. Paris: Gallimard, 1997, p.118.

STAROBINSKI, Jean. *Regards sur l'image* in *Le siècle de Kafka*. Catálogo da exposição do Centro Georges Pompidou. Paris, 1984, p.34.

WAJCMAN, Gérard. *Fenêtre chronique du regard et de l'intime*. Lagrasse: Éditions Verdier, 2004., p.13.